

Crianças na Imprensa Paraense: Coluna “A Semana Elegante” no Século XX ¹

Gabriela Rubia Bastos dos SANTOS²
Giullia Moreira VIEIRA³
Netília Silva dos Anjos SEIXAS⁴
Universidade Federal do Pará, PA

RESUMO

Neste artigo buscamos discutir como eram apresentadas as crianças na coluna social “A Semana Elegante”, da revista *A Semana*. A revista circulou em Belém, Pará, de 1919 a 1942. O artigo buscou identificar como as crianças eram apresentadas na publicação, selecionando os anos de 1919, 1929 e 1939 como amostra das décadas de sua circulação. Os principais autores utilizados são Campos (2007), sobre representação da infância ao longo da história, e Pinheiro (2013), sobre os conceitos de crianças apresentados pelos principais jornais paraenses. Na análise, percebemos como esses sujeitos eram citados nas publicações da semana: uns em uma figura mais pura e angelical, outros como o futuro do país. Além disso, também foi marcante a presença da distinção de gênero entre as crianças, pois enquanto as meninas eram mostradas como delicadas, os meninos eram inteligentes, fortes e valentes.

Palavras-chave: Revista *A Semana*. Coluna social. Crianças. Imprensa do Pará.

Introdução

O século XX, na região amazônica, foi um período marcado por diversas mudanças sociais. O primeiro ciclo da borracha, que durou de 1870 até cerca de 1910 (SARGES, 2010), tornou Belém um dos principais centros da economia mundial e da

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pará. Bolsista PIBIC-UFGPA do projeto “A História da Imprensa no Pará: do Impresso à Internet” e integrante do grupo de pesquisa “Comunicação, Linguagens, Discursos e Memórias na Amazônia” (UFGPA - CNPq). E-mail: bastosgabrielar@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pará. Bolsista PIBIC-UFGPA/FAPESPA do projeto “A História da Imprensa no Pará: do Impresso à Internet” e integrante do grupo de pesquisa “Comunicação, Linguagens, Discursos e Memórias na Amazônia” (UFGPA - CNPq). E-mail: jornal.morlia@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, líder do grupo de pesquisa Comunicação, Linguagens, Discursos e Memórias na Amazônia, certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Coordenadora do projeto de pesquisa: História da Imprensa no Pará: do Impresso à Internet, apoiado pelo CNPq, Edital Universal 2016. E-mail: netilia@uol.com.br

efervescência cultural da época. A riqueza advinda da exploração do látex era atrativa para imigrantes europeus e brasileiros. Por essa razão, a reurbanização da cidade só pode ser entendida, como afirma a pesquisadora Maria de Nazaré Sarges (2002), pela dialética da modernidade e da economia da borracha. Tal como ocorreu em outras regiões do Brasil, a sociedade paraense passou por transformações não só na organização do espaço público, na arquitetura, mas também nos costumes e tradições que foram importados da Europa. Sobre isso a pesquisadora Sarges Comenta:

[...] Belém assumiu o papel de principal porto de escoamento da produção gomífera, canalizando parte do excedente que se originou dessa economia para os cofres públicos os quais direcionaram o investimento para a área do urbano, com calçamento de ruas com paralelepípedos de granito importados da Europa, construção de prédios públicos, casarões em azulejos, monumentos, praças, etc. (SARGES, 2000, p. 15 - 16).

Durante a passagem do século XIX para o XX, a história e a vida em Belém foram marcadas por elementos artísticos, intelectuais e sociais que eram reflexos da sociedade europeia, principalmente a francesa, movimento mundial chamado de *Belle Époque*, termo francês que significa “Bela Época”, que influenciou e ditou diversas tendências mundiais; a Europa era o sinônimo de progresso, considerada o centro do mundo moderno e Paris era o exemplo de elegância e requinte (COELHO, 2006).

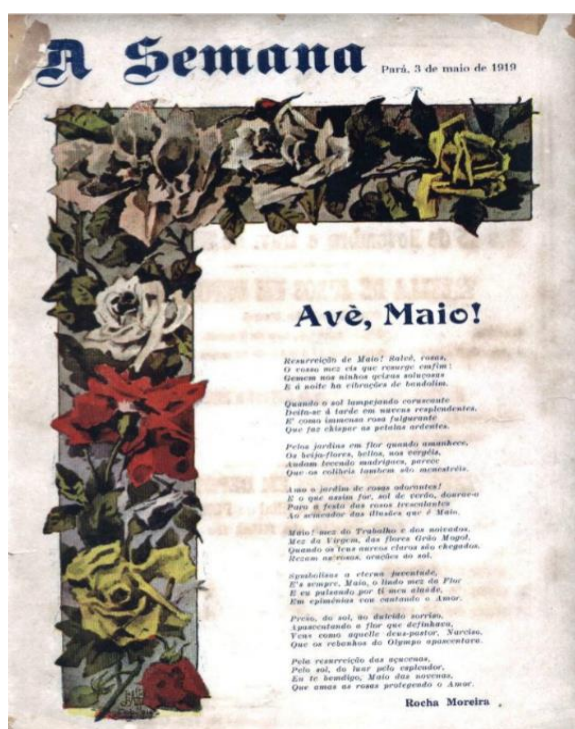
Ainda de acordo com a historiadora Sarges, no início do século XX o Pará teve vários periódicos, mesmo com pouca duração, contribuíram imensamente com a produção cultural e jornalística. Por meio da imprensa paraense, pôde-se registrar as transformações socioculturais que a região vivia. Nesse contexto da imprensa estava a revista *A Semana*, publicada em Belém, uma das de maior longevidade no Pará, tendo circulado entre 1919 e 1942.

No ano de 1919 os proprietários da revista eram Manuel Lobato e Alcides Santos e o redator-chefe era Rocha Moreira. A partir do terceiro ano, 1921, a revista passou a identificar apenas Alcides Santos como proprietário. Em 1931, *A Semana* passou às mãos da Agência Brasileira S.A e apenas identificava o diretor: Edgar Proença. A partir da última edição de 1932, o dono passou a ser E. Sousa Filho, que era identificado como proprietário e advogado. Durante a análise das edições ao longo dos anos, pudemos perceber diferenças de acordo com os proprietários. Nos primeiros anos (1919-1921) a revista era identificada como *A Semana: Revista Ilustrada*; de 1921 até

1931, era denominada apenas como *A Semana*; a partir de 1932, passou a ser chamada como *A Semana: Magazine Ilustrado*, tratando de assuntos gerais. A revista localizava-se, inicialmente, na Travessa 7 de setembro, número 33 – entre as ruas João Alfredo e 13 de maio –, e depois na rua Dr. Assis, números 2 e 4.

Com um formato pequeno de 18,5 x 37 cm, o periódico apresentava na capa personalidades femininas, como atrizes do cinema internacional e da própria sociedade paraense. De acordo com Mourão (2006), a revista tinha um conteúdo destinado sobretudo ao público feminino, com a presença forte de textos literários.

Figuras 1 e 2 – Capas da revista *A Semana*. À esquerda, capa da edição 58 de 3 de maio, Anno II, 1919, e à direita, capa da edição 50, de 8 de março, Anno II, 1919.



Fonte: Acervo digital da Biblioteca Pública Arthur Vianna (2019). Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/2016-12-13-19-40-20/a-semana-revista-ilustrada>

Atualmente, o periódico possui 310 edições disponíveis no acervo digital da Biblioteca Pública Arthur Vianna, que também estão disponíveis em mídia impressa. No presente artigo analisaremos como as crianças eram retratadas nas páginas da revista, para isso, discorreremos sobre o conceito de criança e sobre as características de uma coluna social. Como metodologia utilizamos a pesquisa bibliográfica e documental para levantamento dos dados:

A pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica. O elemento diferenciador está na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias. Essa é a principal diferença entre a pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. (SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Para a análise utilizamos os anos de 1919, 1929 e 1939 (Tabela 1), um recorte temporal de três décadas. Como cada década possuía 30, 13 e 44 edições, respectivamente, optamos em utilizar 30% do acervo de cada ano, um número que consideramos suficiente para a observação do objetivo proposto. Abaixo estão tabelas que apresentam esses números de forma mais clara (Tabela 1 e Tabela 2).

Tabela 1 - *A Semana* no Acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna

Acervo físico	Acervo digital	Edições com a coluna “A Semana Elegante”
310	310	221

Fonte: Levantamento da pesquisa com base no acervo digital da Biblioteca Pública Arthur Vianna (2019)

Tabela 2 - Edições de *A Semana* por ano selecionado

1919	1929	1939
30 edições	13 edições	44 edições

Fonte: Levantamento da pesquisa com base no acervo digital da Biblioteca Pública Arthur Vianna

Nesta análise, o recorte de 30 por cento reduziu o número de obras para 8, 4 e 5, respectivamente. Segundo a disponibilidade do acervo, as edições foram escolhidas com o critério de que estivessem completas, ou seja, sem páginas faltando. Passemos, agora, à apresentação do contexto em que a revista nasceu e como ela se configurou.

Contexto histórico da coluna social

A coluna social surgiu no início do século XX nos Estados Unidos com as chamadas *Gossip Columns* (colunas de fofocas), com relatos sobre acontecimentos

sociais. Segundo Maurício de Fraga Alves (2008), a coluna social foi criada por Walter Winchell, jornalista norte-americano. Com o seu trabalho inicial, antes da profissionalização da coluna, Winchell escrevia fofocas sobre os bastidores de peças teatrais nas quais atuava, além de divulgar boletins informativos sobre eventos (TRAVANCAS, 2000). Na década de 1920, após tornar-se jornalista profissional, Winchell pôs em prática seu sonho: uma coluna de fofocas sobre os ricos e famosos da época, “publicando pequenas notas sobre a vida privada, e acrescentando aqui e ali um ponto de vista debochado e sarcástico sobre pessoas famosas” (SOUZA, 2007, p.3).

Segundo Maria (2008), até aquele momento, as notícias sociais publicadas nos Estados Unidos eram muito próximas àquelas intituladas, no Brasil, como “sociais”, ou seja, relatos respeitosos sobre personagens da alta sociedade, avisos de casamentos, nascimentos, formaturas, recepções, festas, noivados, bailes de 15 anos, etc.

A imprensa paraense, durante o surgimento das colunas sociais, já era consolidada, uma vez que teve início em 22 de maio de 1822 com a primeira edição de *O Paraense* (1822-1823). No Pará, de acordo com Pinheiro (2013), a coluna social tinha como finalidade apresentar as pessoas, em sua maioria, crianças e jovens que fossem filhas de personalidades importantes no país e no estado do Pará.

Sodré (2003) diz que a função histórica da coluna social, desde o seu surgimento, está ligada à modernidade, uma vez que a sociedade industrial se preocupava em apresentar aqueles que pertenciam a nova ordem social, que para ele era a burguesia comercial e mercantil. Logo, pode-se compreender que as colunas assumiam um papel importante, constituindo-se como locais que construía novas figuras políticas e sociais.

A representação infantil na coluna social “A Semana Elegante”

Segundo Araújo (2002), o aparecimento do universo infanto-juvenil emergiu como questão social em jornais a partir do século XX. As crianças eram colocadas sob custódia de seus pais, como se estivessem nas páginas de jornais para serem vistas e não ouvidas (ARAÚJO, 2002)

De acordo com Campos (2007), o conceito de infância não é um dado natural, por isso, tal conceito varia mediante tempo, cultura e espaço geográfico. Portanto, pode-se dizer que essa noção é uma produção sociocultural, resultado de representações feitas

por adultos sobre uma fase da vida que não é a de quem fala, como projeções inventadas pelos mais velhos (CAMPOS, 2007).

Ao analisarmos as páginas da coluna “A Semana Elegante”, essa imprecisão sobre o real período da infância ficava nítida: as fotos eram de crianças com aspectos de 1 a 12 anos. Entretanto, em alguns momentos, jovens, moças e rapazes mais velhos são chamados por pronomes de tratamento que remetem à infância, como crianças não amadurecidas.

As crianças eram retratadas como pequenos adultos, como se fossem desenvolvidos em padrões de adultos cuja única diferença se limitasse ao tamanho de sua estatura. As fotos da “Semana Elegante” reforçam o pensamento de Carvalho (1989, p.18) sobre as colunas sociais da época: “acreditava-se que a criança fosse um simples homúnculo, cujas diferenças do adulto se limitassem ao tamanho e se reduzissem a aspectos quantitativos”.

Além da representação de pequenos adultos, a de criança como criatura angelical também era presente em colunas sociais em geral. Segundo Campos (2007), esse padrão disseminado pela igreja Católica fez com que se difundisse dois modelos significativos de criança pelo mundo ocidental: 1) o da criança-cristo, lembrando o menino Jesus na manjedoura, mais presente em fotografias; 2) o da criança mística, mais presente nas legendas das fotos, uma criança intocável pelos vícios e paixões da existência terrestre, caracteres que ficam evidentes no uso de elogios como “querubim” ou “anjo” (GÉLIS, 1992).

A coluna “Semana Elegante” recorria a esse imaginário sobre a infância, utilizando-se em alguns momentos do léxico francês para referir-se a crianças, reflexo da *Belle Époque*. Dourado (2002), ao observar as colunas sociais em São Paulo, percebeu que elas tinham como finalidade apresentar essas crianças em uma concepção idealizada, como um projeto. Os olhos da elite política e intelectual se voltavam para aqueles que detinham a influência sobre o futuro do Brasil, que eram as crianças (DOURADO, 2002). Uma outra característica das colunas sociais, segundo Nascimento (2012), era que as crianças, sobretudo de famílias ricas paraenses, tinham forte influência da moda europeia.

De acordo com Campos (2007), no Brasil, o retrato de crianças idealizadas, vestidas de forma angelical ou como pequenos adultos, foi um padrão de diversos periódicos.

Pinheiro (2003) explica que, especificamente nos jornais paraenses, existiam retratados de dois tipos de crianças, o que também demarcava o gênero: 1) a criança como sinônimo de beleza, formosura e ingenuidade, na junção dos conceitos católicos citados acima, mas também com a marcação de gênero, já que era utilizado para o gênero feminino; 2) a criança como sujeito de um futuro promissor, utilizado em sua grande maioria para o gênero masculino, onde os meninos tinham suas qualidades físicas e intelectuais exaltadas.

A coluna “A Semana Elegante” seguia as tendências nacionais de apresentar crianças, filhas de sujeitos importantes de Belém, assemelhando-se a colunas sociais de outros estados nas épocas analisadas. “A Semana Elegante” elogiava e exaltava as qualidades dos sujeitos retratados. No Quadro 1, abaixo, é possível perceber adjetivos utilizados em legendas de fotos ou em pequenos textos de aniversário e nascimentos:

Quadro 1 – Adjetivos usados pela revista *A Semana* na coluna “A Semana Elegante”.

Ano	Adjetivos
1919	<ul style="list-style-type: none"> • “a graciosa <i>demoiselle</i>”, “as meninas”, “a menina” e “jovem teodoro, o <i>sportman</i>”. A SEMANA, 18 de janeiro de 1919, n° 43, p.15. • “a meiga e graciosa, uma linda pan-americana”, “a menina” e “a gentil linda”. A SEMANA, 8 de março de 1919, n° 50, p.15. • “os graciosos meninos filhos de”, “menina” e “<i>mademoiselle</i>”. A SEMANA, 5 de abril de 1919, n° 54, p.12. • “o vivaz filho” A SEMANA, 3 de maio de 1919, n° 58, p.15. • “a menina, querida filhinha”, “a menina” e “os meninos”. A SEMANA, 24 de maio de 1919, n° 61, p.14 • “a graciosa filha”. A SEMANA, 22 de novembro de 1919, n° 87, p.3. • “o interessante dilecto” e “o menino filho”. A SEMANA, 6 de dezembro de 1919, n° 89, p. 11. • “<i>Mademoiselle</i>”. A SEMANA, dezembro de 1919?, n° 92, p.11.
1929	<ul style="list-style-type: none"> • “adorável cherumbinzito”, “felicidade e orgulho do seu lar”, “galante criaturinha”, “gentil senhorinha” e “o galante”. A SEMANA, 9 de fevereiro de 1929, n° 562, p.18. • “<i>mademoiselle</i>”. A SEMANA, 1 de junho de 1929, n° 577, p.18.

	<ul style="list-style-type: none"> • “um homem ainda em miniatura, mas promessa de realização brilhante nele”, “o travesso, um pirralho” e “encantadora creança” A SEMANA, 28 de setembro, n° 594, p.18.
1939	<ul style="list-style-type: none"> • “galante menina” A SEMANA, 21 de janeiro de 1939, n° 1016, p. 22. • “interessante menino” A SEMANA, 11 de fevereiro de 1939, n° 1019, p. 12. • “gentil senhorinha” e “pequerucho”. A SEMANA, 15 de abril de 1939, n° 1027, p. 22. • “mimosa filhinha” e “gentil senhorita”. A SEMANA, 3 de junho de 1939, n° 1034, p. 22. • “gentil senhorinha”, “menina moça” e “mimosa e inteligente” A SEMANA, 22 de julho de 1939, n° 1040, p. 20.

Fonte: Dados da pesquisa, com base na revista *A Semana*.

O conceito de criança citado por Pinheiro (2013) como sinônimo de beleza, formosura e ingenuidade, é perceptível na coluna social “A Semana Elegante”. Os textos e legendas das fotos apresentavam as crianças como belas, formosas, com uma imagem ingênua e pura, retratadas como motivo de orgulho e felicidade de seus pais. Segundo Pinheiro (2013), outra forma comum nos jornais paraenses era o da criança como um sujeito de um futuro promissor. Os pequenos que se enquadravam em tal conceito eram aqueles em que as famílias confiavam o futuro. Os pais eram citados pela coluna social como sendo cuidadosos e zelosos, que davam oportunidade de os filhos terem um futuro próspero em profissões prestigiadas, como medicina e direito.

Na Figura 3, abaixo, a menina Elsa é descrita como uma “linda pan-americana” em sua fantasia de carnaval.

Figura 3 - À esquerda, edição de 8 de março. Anno I, n° 50, 1919.

Figura 4 – À direita, trecho da edição de 3 de junho Anno XXI, n° 1034, 1939.



A meiga e graciosa Elsa, uma linda pan-americana no baile infantil do Sport Club.

O Sr. Homero Cunha, diretor geral da Fazenda, e esposa, Sra. Margarida Cunha, tiveram a satisfação de vêr, ontem, rodeada de manifestações de carinho sua mimosa filhinha Léda, que fez anos. À noite, comemorando o 5º aniversario da interessante garota, o casal Homero Cunha recepcionou suas relações de amizade numa soirée dançante que alcançou raro brilho.

Fonte: Ambas do acervo digital da Biblioteca Pública Arthur Vianna (2019). Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/2016-12-13-19-40-20/a-semana-revista-ilustrada>

Outro texto apresentado foi a nota sobre o aniversário da criança Léda, citada como “mimosa filhinha”. De acordo com Campos (2007), o conceito de criança como sinônimo de suas qualidades de personalidade era muito utilizado para meninas.

Nas três décadas em análise, percebemos que os adjetivos de tratamento para meninos e meninas permaneceram diferenciados e não mudaram ao longo da observação. As crianças do gênero feminino, as palavras menina, *mademoiselle* e graciosa (mais comuns), remetem apenas à fragilidade, graça, pureza e delicadeza. No entanto, para os meninos, direcionam-se palavras que realçam o padrão do que seria um homem, sempre sugerindo sua força, inteligência e grandeza.

Essa disparidade entre os tratamentos é o reflexo de padrões enraizados nas construções do meio social e que, quando utilizados e repetidos em publicações, reverberam firmemente por outras gerações. Portanto, pudemos perceber qualificações padronizadas no meio social, as crianças sendo condicionadas prematuramente a desempenharem papéis sociais segundo seus gêneros e classes.

Figuras 5 e 6: Trechos da edição 594, de 28 de setembro. Anno XI, 1929.



Fonte: Ambas do Acervo digital da Biblioteca Arthur Vianna (2019). Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/2016-12-13-19-40-20/a-semana-revista-ilustrada>

A fotografia e o texto sobre o menino Oswaldo são um caso desse tipo de criança. O texto inicia dizendo que o menino é um “symbolo de intelligência e de character e de paz e doçura”; seus pais são descritos como “um casal distincto”. Os elogios ao menino continuam no segundo parágrafo, onde Oswaldo é chamado de “homem ainda em miniatura” e “promessa”, reforçando o estereótipo de criança como sujeito de um futuro promissor e de comportamento exemplar. Os elogios a Oswaldo terminam com “O seu futuro há de ser o mais bello”.

O traje utilizado por Oswaldo na fotografia também reforça o quanto seu futuro seria construído por características do que um homem deveria ser segundo os padrões sociais; vestido como um marinheiro, faz-se uma projeção de como será a vida do menino e de como ele deverá agir perante a sociedade, tendo em vista que o cargo emana virtudes como coragem, agilidade, força e honra.

No quadro de adjetivos, especificamente no volume 43 de 1919, encontramos a descrição de uma criança como “jovem teodoro, o *sportman*”. Tal adjetivo era utilizado,

segundo Pinheiro (2007), para crianças com futuro brilhante no esporte ou para adultos que fossem consolidados como esportistas.

Na Imagem 7 a seguir, a criança Alice é chamada de “adorável cherumbinzito”, “orgulho do lar de seu extremoso pae”, ou seja, um pai afetuoso e amoroso. Percebe-se que a forma de vestir das crianças estava ligada a heranças da *Belle Époque* paraense, vestidas como adultos daquela época, roupas grandes e adultizadas. A menina Alice estava vestida dessa forma. Segundo Nascimento (2012), entre o século XIX e XX, a alta sociedade paraense vestia suas crianças com forte influência da moda europeia, no caso dos meninos, com roupas de militares, distinguindo sua força física da força das meninas, com vestidos em cores claras que simbolizavam a pureza.

Figura 7: Fotografia e texto da edição 562, 10 de fevereiro. Anno X, 1929.



Fonte: Acervo digital da Biblioteca Arthur Vianna (2019). Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/2016-12-13-19-40-20/a-semana-revista-ilustrada>

Até seus últimos anos, a revista seguiu com a coluna “A Semana Elegante”, onde apresentava e parabenizava os aniversariantes. A partir de 1939, quando passou a se identificar como um Magazine Ilustrado, a revista passou a tratar de assuntos gerais, além de cinema e poesia. No seu último ano (1942), a última edição do acervo (n.1203, v.25, de 21 de novembro) apresenta a foto de uma criança.

Considerações finais

A coluna social “A Semana Elegante” divulgava os acontecimentos sociais da época, apresentando as famílias abastadas do período, demonstrando que seu propósito era o de apresentar as crianças de famílias abastadas de quando circulou.

Ficou perceptível o quanto Belém ainda vivia reflexos da *Belle Époque*, utilizando-se de termos em francês. A coluna social se mostrou importante no que tange ao fornecimento de fontes sobre a trajetória das colunas sociais na história da imprensa.

Por fim, ao analisarmos a coluna “A Semana Elegante”, foi possível perceber que as crianças eram tidas como o futuro promissor da perpetuação de suas famílias, reafirmando a finalidade de construção e apresentação de figuras importantes social e politicamente.

Referências

ARAÚJO, G (org.). Introdução *In: Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas: Editores Associados, 2002, p.133-150.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BAUER, M W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis:: Vozes, 2002.

BEZERRA, D. de S.; BEZERRA D. de S; MARQUES, J. A. As influências sociais na construção da identidade de gênero. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras, v. 2, n. 2, 2017. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/issue/view/15/showToc>. Acesso em: 15 mai. 2019.

CAMPOS, R. D. **Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940): representação e história**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2007. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102331/campos_rd_dr_arafcl.pdf;jsessionid=36AB14752CCCB8C440A1A39EF80A158F?sequence=1. Acesso em: 8 abr. 2019

CARVALHO, M. M. C. **A escola e a república**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. M. M. C. O novo, o velho, o perigoso: relendo “A cultura Brasil”. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo, n. 72, p. 19-25, 1989.

COELHO, M. G. Belém e a Belle Époque da Borracha. **Revista Observatório**. Palmas, v. 2, n. 5, set./dez., 2006.

DOURADO, A. C. D. Imagens da infância brasileira na Primeira República - um diálogo entre iconografia, discurso histórico e narrativa literária. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 2., 2002, Natal. Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação, 2002. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/node/85>. Acesso em: 22 jan. 2019.

GÉLIS, J. A individualização da criança. *In: ARIÉS, Philippe; DUBY, Georges (orgs). História da vida privada: da Renascença ao século das luzes*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

LAVILLE, C; DIONNE, J. **A construção do saber**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MARIA, M. F. A. Das *gossip columns* às novas colunas sociais brasileiras: política e modernização da imprensa brasileira nas décadas de 1950 e 1960. **Histórica** (São Paulo. Online), v. nº33, p. 1- n°3-13, 2008.

MOURÃO, S. C. **A Semana**: periódico literário. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Centro de Letras e Artes, Departamento de língua e literatura vernáculas, Área de Concentração: Estudos Literários, Santarém, 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/2103>. Acesso em: 15 mar. 2019.

SARGES, M. de N. **Belém**: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912). 3. ed. Belém: Paka-Tatu, 2010, p. 15-16.

SILVA, J. R. S; DE ALMEIDA, C. D; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, v. 1, n. 1, p. 6, 2009.

SODRÉ, M. **Colunismo Social**: Gente boa e gente fina. Disponível em: <http://observatório.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/fd260820031.htm>. Acesso em: 15 abr. 2019.

SOUZA, R. M. O cavalheiro e o Canalha: Maneco Muller, Walter Winchell e o apogeu dos colunistas sociais após a Segunda Guerra Mundial. **Revista Pauta Geral**, v. 1, n. 9, Florianópolis, 2007.